



04/27-05/175

Rev. bras. alerg. imunopatol.

Copyright © 2004 by SBAI

EDITORIAL

A prevalência da alergia ocular ainda é desconhecida. Dados recentes obtidos pelo International Study of Asthma and Allergies in Childhood (ISAAC), entre adolescentes de várias partes do mundo, apontam valores oscilando entre 1,4% e 39,7%. No Brasil, a prevalência de rinoconjuntivite alérgica atingiu, durante a realização da terceira fase do ISAAC e na mesma faixa etária, níveis de até 25%. Quatro são as principais formas de apresentação das doenças alérgicas oculares mediadas por anticorpos IgE: conjuntivite alérgica (perene ou estacional), ceratoconjuntivite vernal, ceratoconjuntivite atópica, e a ceratoconjuntivite papilar gigante (secundária ao uso de lentes de contato). As formas associadas à rinite alérgica são as mais frequentes e em geral têm boa resposta ao tratamento com anti-histamínicos sistêmicos e corticosteróides nasais, comumente prescritos para rinite alérgica concomitante. Entretanto há pacientes que exibem sintomas predominantemente oculares que não respondem de modo satisfatório aos tratamentos convencionais da doença alérgica. Esses pacientes certamente caracterizam os com doença de maior gravidade e com comprometimento da sua qualidade de vida de modo mais significativo. Considerando-se que a doença alérgica predomina na infância, são imperativos o diagnóstico e o tratamento precoce com o intuito de prevenir-se as potenciais seqüelas decorrentes da evolução inapropriada da doença. Neste número publicamos o estudo de Giavina-Bianchi e colaboradores que desenvolveram modelo experimental, em camundongos, de conjuntivite alérgica (perene) ao *Dermatophagoides pteronyssinus* que além de possibilitar um maior entendimento da sua patofisiologia, permitirá o estudo de procedimentos terapêuticos mais direcionados ao controle da conjuntivite alérgica.

Prof. Dr. Dirceu Solé